

A manipulação dos valores morais como ferramenta de disseminação de desinformação

The manipulation of moral values as appliance for spreading disinformation

Roldão Pires CARVALHO¹
Mara ROVIDA²

Resumo

Uma das estratégias para que a desinformação torne-se crível é o uso dos valores morais. O objetivo do artigo é demonstrar como a propaganda falaciosa pode fazer uso da moralidade. Para entender como essa manipulação é realizada, utilizam-se os conceitos teóricos de Jonathan Haidt sobre os alicerces morais, demonstrando de forma resumida como esses alicerces se estruturam. Por meio da Linguística Cognitiva, realizamos a análise do discurso de um post enganoso sobre as enchentes do Rio Grande do Sul, que potencialmente se relaciona a alicerces morais da direita conservadora o que parece facilitar a crença na falácia.

Palavras-chave: Extrema direita. Propaganda. Desinformação. Alicerce moral. Ciência Cognitiva.

Abstract

One strategy to make misinformation credible is the use of moral values. The objective of the article is to demonstrate how fallacious propaganda can make use of morality. To understand how this manipulation occurs, we utilize Jonathan Haidt's theoretical concepts on moral foundations, providing a concise overview of how these foundations are structured. Through Cognitive Linguistics, we analyze the discourse of a misleading post about the floods in Rio Grande do Sul, which potentially targets and manipulates these moral foundations of the conservative right, thereby facilitating belief in the fallacy.

Keywords: Far-right. Propaganda. Disinformation. Moral Foundation. Cognitive Science.

¹ Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba.
E-mail: roldao_pires@hotmail.com

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora do PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso). E-mail: mara.rovida@prof.uniso.br

Introdução

O material apresentado neste artigo faz parte de pesquisa de doutorado ainda em andamento, que em certa medida é um desdobramento da pesquisa de mestrado por abordar questões que não puderam ser trabalhadas ou que surgiram posteriormente. No mestrado, o objetivo da pesquisa foi elaborar uma análise da propaganda conservadora-liberal produzida pela empresa Brasil Paralelo. Essa qualificação da propaganda é, de certa forma, originada por um espectro político que, após a eleição de Jair Messias Bolsonaro e os acontecimentos que se sucederam a esse fato, foi renomeado e, em alguma medida, requalificado como extrema direita. Uma das questões surgidas no mestrado, mas que não foi possível abordar de forma aprofundada naquela pesquisa, tem relação com o uso do discurso moralista, em outros termos, como questões morais são utilizadas para manipular a opinião pública e qual a diferença entre a moralidade dos espectros políticos da direita e da esquerda. Para dar conta dessa demanda de pesquisa, fizemos um primeiro trabalho de análise baseado em George Lakoff (2014) que desenvolveu suas teorias a partir da experiência da sociedade estadunidense. Por conta dessa origem do pensamento de Lakoff (2014), uma das críticas que já recebemos (CARVALHO, ROVIDA, 2023) foi justamente sobre a necessidade de adaptar as ideias do autor à realidade brasileira.

Para ajudar nessa adaptação à realidade sócio-histórica brasileira, usamos Haidt (2020) que pauta suas teorias em pesquisas realizadas diferentes regiões do mundo, inclusive no Brasil. O autor apresenta um modelo de estrutura moral que pode mudar conforme as práticas culturais de cada localidade, mas Haidt (2020) identifica uma essência que permanece inalterada nas mais diversas localidades. Pela revisão de literatura, é possível observar que as teorias de Haidt (2020) e de Lakoff (2014) dialogam.

Haidt (2020) propõe cinco alicerces que surgiram em sua pesquisa: cuidado, justiça, lealdade, autoridade e pureza. Uma sexta surge posteriormente, coloca como provisória por não ter sido pesquisada como as demais, que seria o alicerce da liberdade.

As pesquisas de Haidt (2020) detectaram distinções entre a moralidade de conservadores (direita) e de liberais/progressistas (esquerda), nos permitindo expandir o entendimento sobre como determinadas mensagens da propaganda da extrema direita impactam os conservadores, mais próximos deste espectro político, inclusive influenciando na crença produzida na lógica da desinformação. Considerando inicialmente apenas os cinco alicerces, os espectros políticos alinhados à esquerda

possuem preponderantes os alicerces do cuidado e da justiça como preponderantes. Os espectros políticos alinhados à direita possuem equilíbrio entre os cinco valores morais. Haidt (2020) propõe a categorização de espectros políticos como muito liberal, liberal, levemente liberal, moderado, levemente conservador, conservador e muito conservador. Portanto, a diferença entre muito liberais e muito conservadores consiste na intensidade dos alicerces morais. Esta diferença de intensidade torna-se um dos aspectos que proporciona a distinção e divergência de visão de mundo entre espectros da esquerda e da direita. Mesmo tendo ciência dos diferentes espectros com variação na intensidade nos alicerces morais, optamos por estabelecer a nomenclatura esquerda/direita para nortear este trabalho, considerando esquerda os espectros liberais e direita os conservadores, por entendermos que mesmo havendo algumas variações na intensidade, a preponderância de dois alicerces morais nos espectros da esquerda permanece enquanto nos espectros da direita ficam cada vez mais próximos os demais alicerces morais. Deste modo, existe pouca diferença na estrutura moral entre os mesmos espectros no que estabelecemos como esquerda, ocorrendo o mesmo no que estabelecemos como direita. Este aspecto de moralidades semelhantes é relevante, pois a propaganda da extrema direita busca manipular estes alicerces para diminuir ou eliminar diferenças e radicalizar os campos da direita.

Este trabalho tem como objetivo contribuir no entendimento sobre como a extrema direita utiliza-se da propaganda como ferramenta para acionar gatilhos morais dos grupos alinhados ao espectro político da direita. Realizaremos primeiramente uma revisão bibliográfica da obra de Haidt (2020) exclusivamente no que se refere aos alicerces morais. Posteriormente, por meio das teorias da Linguística Cognitiva, apresentamos a análise crítica do discurso sobre uma desinformação, entendida por nós como propaganda, referente às enchentes no Rio Grande do Sul. O que possui o propósito de demonstrar como a propaganda da extrema direita aciona um dos alicerces da moralidade.

Alicerces morais

Segundo Haidt (2020, p.140), a estrutura moral é inata ao ser humano: “A natureza fornece um primeiro rascunho, que a experiência depois revisa... “Configurado” não significa não ser imutável; significa “estruturado antes da experiência””. Deste modo,

todos possuímos valores morais que podem ser mutáveis com as experiências, entretanto estas mudanças são lentas e muitas vezes inconscientes (LAKOFF, 2014). Partimos da hipótese de que a extrema direita utiliza a propaganda como meio de explorar e alterar estes valores não de modo imediato, mas ao longo do tempo com contínuas propagandas de desinformação³, aproveitando-se do viés conhecido como verdade-ilusória (HASHER et al., 1977), na qual uma informação é considerada verdadeira após ser recebida várias vezes. O público alvo destas propagandas são pessoas que fazem parte dos espectros da direita, principalmente os conservadores, que possuem a base moral mais próxima à extrema direita e que acabam sendo mais suscetíveis à propaganda destes grupos políticos radicalizados.

Na teoria de Haidt (2020), o primeiro alicerce moral refere-se ao Cuidado. Segundo o autor, esse alicerce está fundamentado no alto dispêndio necessário para a criação de um bebê humano devido a sua fragilidade por grande período da infância. Esforço não exclusivo da mãe e do pai, mas por vezes da comunidade em que nasceu. Para que um bebê chegue à idade adulta deve ser cuidado e protegido por todos.

Este impulso de querer proteger os mais frágeis se estende a outras relações mesmo fora do grupo e até mesmo com outras espécies. Haidt (2020) afirma que na atualidade as preocupações das pessoas foram ampliadas para um número maior de situações do que em épocas anteriores. Porém, existe uma diferença entre conservadores e progressistas/liberais neste quesito. A intensidade do alicerce do Cuidado é maior nos progressistas/liberais do que nos conservadores, que por vezes restringem este alicerce moral ao seu grupo.

O segundo alicerce moral, Justiça/trapaça, traz a teoria do altruísmo recíproco como fundamento central no pensamento de Haidt (2020). A ideia central consiste em ajudarmos aqueles que nos ajudam além de evitarmos aqueles que nos prejudicam ou não contribuem. Esta atitude reflete em possível cooperação, que deve ser benéfica para todos, normalmente proporcionando ganhos maiores do que o trabalho individual.

A situação contrária, a não retribuição, pode gerar a exploração ou a não cooperação futura. Aquele que recebe e não retribui pode ser considerado trapaceiro, principalmente quando se espera a contrapartida, gerando a sensação de ser enganado no agente prestativo.

³ O conceito de propaganda que utilizamos corresponde a que propaga visão de mundo e valores, não estamos nos referindo à propaganda no sentido comercial.

Os gatilhos originais dos módulos de Justiça são atos de cooperação ou egoísmo exibidos pelas pessoas. Sentimos prazer, apreço e amizade quando as pessoas mostram sinais de que podemos confiar em uma retribuição. Sentimos raiva, desprezo e, às vezes, até repulsa quando as pessoas tentam nos enganar ou tirar vantagem de nós (HAIDT, 2020, p.147).

Haidt (2020) observa que os espectros políticos apresentam formas diferentes de lidar com esse alicerce moral. O alicerce da Justiça/trapaça na esquerda está associado à justiça social e à equidade, combinada ao Cuidado. Com relação à direita, a justiça está relacionada à proporcionalidade, ou seja, à ideia de que as pessoas devem receber proporcionalmente por sua contribuição. Deste modo, qualquer forma de assistência pode ser considerada uma preocupação, uma ameaça ao desequilíbrio social e por isso mesmo uma ação injusta.

O terceiro alicerce refere-se à Lealdade/traição e está relacionado ao apego aos grupos sociais, como família, comunidade e nação. Este alicerce surge do desafio humano de realizar coalizões por meio da confiança, de recompensar os fieis e de punir os traidores. Segundo Haidt (2020), este alicerce é um dos fatores psicológicos que contribuem para o tribalismo, unindo o grupo principalmente se estiver competindo com um rival.

No aspecto político, a esquerda tende a ser universalista, portanto, está menos apegada à Lealdade, principalmente porque o Cuidado é preponderante e se sobrepõe em diversos casos. Já a direita está mais sujeita à essa base moral, por isso a ideia de lealdade à pátria e a inflexibilidade aos dogmas religiosos são recorrentes. Um efeito negativo pode ser observado pela intolerância religiosa, xenofobia, a aversão a tudo que é estranho ao grupo e o desejo de punição mais severa aos traidores.

O quarto alicerce moral, o da Autoridade, muitas vezes pode ser confundido ou associado à relação de poder, entretanto Haidt (2020) aponta que, mesmo eventualmente havendo esta correlação, esta estrutura moral está relacionada também às hierarquias e às relações sociais que envolvem respeito, como a relação pai e filho. Nestes casos, a relação pode ser benéfica para os superiores hierárquicos e subordinados. A autoridade serve também para manter a ordem, evitar o caos e responsabilizar os indivíduos no cumprimento das suas obrigações conforme sua posição.

Os gatilhos reais do alicerce Autoridade/subversão, portanto, incluem qualquer coisa que seja interpretada como um ato de obediência, desobediência, respeito, desrespeito, submissão ou rebeldia em relação às autoridades consideradas legítimas. Eles também incluem atos que subvertem as tradições, instituições ou valores percebidos para proporcionar estabilidade (HAIDT, 2020, p. 155).

No espectro político, este alicerce moral é facilmente aceito pela direita conservadora, enquanto a esquerda normalmente é menos tolerante em relação às hierarquias, as associando às formas de dominação, poder e controle.

O alicerce da Pureza/degradação é o quinto alicerce moral e está atrelado, segundo Haidt (2020), à nossa evolução como animais onívoros. Ele cita como exemplo um caso de canibalismo consentido pela vítima. Mesmo para aqueles que defendem a liberdade das pessoas fazerem o que quiserem com suas vidas, o ato torna-se repulsivo não apenas pela questão do dano, mas pela violação de algo sagrado, o corpo humano. Diferentemente da maioria dos animais que sabem o que devem comer, os seres humanos devem aprender o que comer. A desvantagem do onívoro está na capacidade ou não necessidade de distinguir entre o que pode ser alimento e o que pode ser prejudicial, tóxico ou trazer algum malefício.

Os onívoros, portanto, passam a vida com dois motivadores concorrentes: a neofilia (atração por coisas novas) e a neofobia (medo de coisas novas). As pessoas variam em termos de qual motivação é mais forte, e essa variação voltará para nos ajudar nos próximos capítulos: os liberais têm maior pontuação em neofilia (também conhecida como “abertura à experiência”), não apenas para novos alimentos, mas também para novas pessoas, músicas e ideias. Os conservadores são mais elevados em neofobia; preferem se ater ao que é testado e comprovado, e se preocupam muito mais com a preservação de fronteiras, limites e tradições (HAIDT, 2020, p. 158).

A resistência conservadora em mudanças teria a sua origem neste fator evolutivo, da repulsa por algum alimento potencialmente perigoso. O sistema imunológico comportamental está relacionado à repulsa, de acordo com a teoria de Mark Schaller com a qual Haidt (2020) trabalha para explicar a repulsa social. Neste caso, a questão consiste em um conjunto de fatores cognitivos que fazem os membros de um grupo tentar se afastar de um indivíduo doente, evitando potencial contaminação. Deste modo, a base moral da pureza teria sua origem na necessidade evolutiva de evitar patógenos, seja em alimentos, objetos ou pessoas.

Como desdobramento deste processo, surge o receio ao desconhecido, ao diferente, refletindo nas relações humanas, quando se teme o estrangeiro, as culturas e classes sociais distintas. O desconhecido pode ser perigoso. O desprezo da extrema direita e de parte dos conservadores em relação a grupos minoritários que podem “contaminar” a sociedade está estruturado nesta base moral.

Haidt (2020) acredita que se não fosse este aspecto evolutivo, que leva ao alicerce moral da Pureza, que determina o que é sujo e impuro, não haveria a distinção do que é puro e sagrado, que não deve ser profanado. Seguindo seu raciocínio, o sagrado acaba por permitir que os grupos humanos se unam quando possuem o mesmo objeto sacralizado, formando comunidades morais. Ao mesmo tempo, os indivíduos profanadores destes valores morais acabam sendo julgados, execrados e punidos.

O alicerce da Liberdade/opressão é o último apresentado por Haidt (2020) e tratado como provisório, por não ter sido mensurado nas pesquisas anteriores. Esta matriz moral seria derivada da evolução social dos humanos, principalmente após a Revolução Agrícola com o sedentarismo e o crescimento da população, que em sua organização passa a ter necessidade de um líder ou chefe. Seguindo os estudos do antropólogo Christopher Boehm, Haidt (2020) defende que os humanos são inatamente hierárquicos. Para o autor, durante o processo evolutivo houve mudanças nos comportamentos sociais e políticos que tornaram a sociedade humana mais igualitária. Em algum momento, um macho alfa tentasse dominar e oprimir os indivíduos poderia ser punido ou morto pelos demais. Surgindo a contradição da necessidade de um líder para organizar um grupo grande de pessoas, que desejam uma sociedade mais igualitária, ao mesmo tempo, fornecem poder a um líder ou a alguns integrantes do grupo.

Há 500 mil anos atrás, os humanos passaram a criar ferramentas que possibilitam ao indivíduo ou grupo mais fraco matar o macho alfa. Deste modo, os grupos dominantes, o líder e seus apoiadores, teriam duas opções: armar os seus para se proteger e reprimir; ou teriam de encontrar um equilíbrio para atender de forma harmoniosa ou o menos desagradável possível à demanda dos outros integrantes do grupo. Os demais membros, além da força da união de seus integrantes e do possível uso da violência, quando necessária, também possuem a linguagem como forma de expressar o julgamento moral dos líderes para corrigir suas condutas. “O resultado é um estado frágil de igualitarismo político alcançado pela cooperação entre criaturas inatamente predispostas a arranjos hierárquicos” (HAIDT, 2020, p. 184).

O gatilho original, portanto, seria a tentativa de dominação de um macho ou fêmea alfa sobre os demais. O alicerce da Liberdade está contido na matriz moral de revolucionários, de grande parte da esquerda e de libertários. Estes últimos, os libertários, mais alinhados em vários outros aspectos morais aos conservadores. O caso dos libertários aparenta ser contraditório para os espectros que classificamos como esquerda. Na perspectiva libertária, a liberdade seria absoluta para os indivíduos, podendo fazer uso de qualquer artifício, egoísta, fazendo por prevalecer a “lei do mais forte”. Podemos identificar este pensamento naqueles que expressam que um Partido Nazista deveria existir ou na crença que a liberdade de expressão permite às pessoas falarem o que bem entendem, inclusive falas criminosas.

A tecnologia da desinformação moral

Antes de iniciarmos a análise proposta, faz-se necessário entendermos os contextos factuais utilizados pela extrema direita para a produção da propaganda escolhida como objeto de pesquisa.

O primeiro remete ao conflito armado na Faixa de Gaza. Em 7 de outubro de 2023 o Hamas, grupo político-militar que controla a Cisjordânia, atacou Israel matando e capturando várias pessoas. Como resposta, Israel atacou a Faixa de Gaza, invadindo e bombardeando o território, o que provocou a morte de milhares de civis e o deslocamento de milhões de pessoas, que fugiram das áreas mais críticas do conflito; muitas dessas pessoas se refugiaram em campos ao sul do território, na fronteira com o Egito. Para atender a crise humanitária que se instalou no território palestino, a Organização das Nações Unidas (ONU) e vários países, incluindo o Brasil, enviaram ajuda das mais diversas formas.

O segundo acontecimento foram as chuvas que assolaram o Rio Grande do Sul entre os meses de abril e maio de 2024. O evento climático extremo associado à falta de políticas públicas deixaram quase duzentos mortos e mais de 600 mil pessoas tiveram que deixar suas casas. As imagens, reportagens e relatos que vieram do Rio Grande do Sul comoveram o país, mobilizando instituições públicas e privadas, assim como cidadãos, para enviar ajuda ou até mesmo se deslocar para o estado para trabalhar como voluntários. Em meio à situação calamitosa que se tornava de conhecimento público por meio das informações dos meios de comunicação e das redes sociais, iniciou-se a circulação de

uma série de materiais falsos, que de algum modo buscavam se aproveitar da tragédia socioambiental para fins políticos e econômicos. O material que escolhemos se pauta por esses dois eventos e tem finalidade política.

Para analisar a exploração dos valores morais pela propaganda da extrema direita, escolhemos uma desinformação que potencialmente aciona o gatilho do alicerce moral da Lealdade/traição, pois é um alicerce que impacta mais os grupos conservadores. A peça de propaganda de desinformação é um post classificado pelo Fato ou Fake como falso, com os dizeres: “A prioridade do governo brasileiro. Governo envia ajuda pra Gaza. E o Rio Grande do Sul? Que vergonha! Que raiva! Que desgraça...” (G1, 2024). A postagem falsa acompanha um vídeo com uma matéria do Jornal da Record do dia 17 de outubro de 2023 sobre o envio de ajuda aos palestinos. A desinformação consiste em omitir a diferença temporal entre a ação do governo federal, realizada em 2023, e o momento em que as chuvas devastaram o Rio Grande do Sul, entre abril e maio de 2024.

Figura1 – material de propaganda identificado como falso pelo G1



Fonte: É FAKE# que governo federal priorizou Gaza no envio de ajuda durante enchentes no Rio Grande do Sul. **G1**, 24 de maio de 2024⁴.

Nossa análise se concentra nas frases escritas dos posts por serem falsas, levando o público ao erro interpretativo ao ver o vídeo, que é verdadeiro, mas colocado fora de contexto. Como mencionado anteriormente, nossa análise crítica do discurso é baseada nos conceitos de conhecimento enciclopédico e frame da Linguística Cognitiva (FERRARI, 2020; ABREU, 2010).

Seguindo esta teoria, o sentido das palavras é compreendido e elaborado devido ao conhecimento enciclopédico. “A Linguística Cognitiva adota uma *perspectiva*

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2024/05/19/e-fake-que-governo-federal-priorizou-gaza-no-envio-de-ajuda-durante-enchentes-no-rio-grande-do-sul.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2024.

baseada no uso, tendo como uma de suas principais hipóteses a ideia de que o contexto orienta a construção do significado” (FERRARI, 2022, p. 18. Grifos da autora). A semântica, portanto, está baseada em um “sistema estruturado e organizado em rede” (FERRARI, 2022, p.19). Para se estabelecer o conceito de um objeto, por exemplo, algumas especificações devem ser estabelecidas, sendo físicas como formato, tamanho e cor ou abstratas como o conhecimento de sua funcionalidade.

Já o “termo *frame* designa um sistema estruturado do conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência” (FERRARI, 2022, p. 50). George Lakoff (2014) propõe que todas as palavras estão associadas a algum frame e o exemplo que ele normalmente utiliza ao fazer essa discussão é a sugestão para que as pessoas não pensem em elefante. A frase é, inclusive, título de um de seus livros. Lakoff parte do princípio que mesmo ao pedir para a pessoa não pensar em elefante o frame sobre o animal é automaticamente ativado e inevitavelmente a pessoa pensará em elefante. Um conjunto de pensamentos associados à palavra é acionado, conectando vários elementos, como características físicas, local onde o animal pode ser encontrado, desenhos animados, além de emoções positivas ou negativas conforme a experiência que o indivíduo possui. Por mais que haja uma parcela subjetiva na construção do frame elefante, muitas das ideias e associações são compartilhadas entre os seres humanos, por possuírem experiências semelhantes com o animal.

A primeira oração do post analisado evoca o frame do governo Luiz Inácio da Silva e da esquerda política. Notamos em nossa pesquisa de mestrado (CARVALHO, 2019) e de doutorado (CARVALHO; ROVIDA, 2023) que nos últimos anos há um acentuado discurso maniqueísta, que edifica e reforça o frame da esquerda política maligna, no qual todos os espectros políticos associados a ela são maus, corruptos, ladrões, de baixo valor moral e que buscam a degradação da sociedade, enquanto a direita representa e defende o bem, as virtudes da família e dos bons costumes. Sabendo que o governo brasileiro é liderado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, um governo considerado pela extrema direita como de esquerda, a oração inicial prepara o consumidor da propaganda para algo mau, para uma atitude degradante e corrupta.

A segunda frase, “O governo envia ajuda pra Gaza”, confirma a ação do espectro maligno da esquerda ao ajudar um grupo considerado por parte da direita como monstruoso, como indica Souza (2021). O frame da extrema direita sobre os muçulmanos é islamofóbico, parte construída historicamente desde a Idade Média e reforçada nos dias

atuais, principalmente após os ataques às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001, com a indústria cultural produzindo filmes nos quais os muçulmanos são retratados como vilões e terroristas. Os noticiários também influenciam nesta construção quando somente enfocam ou abordam notícias negativas sobre a religião muçulmana, dando destaque às vertentes radicalizadas.

Neste frame, Gaza é entendida como um território controlado pelo Hamas, considerado como grupo terrorista, assim como a população palestina é muçulmana, portanto, monstruosa (SOUZA, 2021). Não há contextualização histórica sobre a situação geopolítica da Faixa de Gaza, sobre o estado de Israel, territórios invadidos e a criação de um estado palestino.

Acrescenta-se a isso o fato de que boa parte das igrejas pentecostais brasileiras, alinhadas ao bolsonarismo e à extrema direita, tem se apropriado e ressignificado símbolos israelenses e do judaísmo, confundindo e misturando Israel do Velho Testamento com o Estado de Israel moderno (GHERMAN; KLEIN 2021). Israel para estes grupos seria “visto como uma barreira civilizadora contra a barbárie e como um símbolo do ocidente contra a expansão do Islã (ou da esquerda)” (GHERMAN; KLEIN 2021, p. 125)

O maniqueísmo está posto, a esquerda má apoia o grupo muçulmano que ataca o povo de Israel, escolhido por Deus. Todo este contexto sobre o conflito da Faixa de Gaza é utilizado como potencial gatilho para o alicerce da Lealdade/traição fazendo uso das enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul. Um grupo estrangeiro que é contra a moral cristã é ajudado enquanto o povo gaúcho, brasileiro e cristão é desprezado. Considerando que para a Linguística Cognitiva o contexto orienta a construção do significado, entendemos que a mensagem é de intolerância religiosa, pois faz uso de um frame no qual os palestinos, por serem de maioria muçulmana, possuem características negativas, monstruosas (SOUZA, 2021). Deste modo, a potencial islamofobia e idealização de Israel pelo consumidor de extrema direita amplificam os efeitos da indignação.

O reforço para a ativação do alicerce moral da Lealdade/traição se estabelece com a frase: “E o Rio Grande do Sul?”. Além de reforçar as questões apontadas na análise sobre o envio de ajuda à Gaza, existem alguns possíveis interpretativos nesta mensagem que servem para reforçar e criar o frame de inação do Estado, muito apropriado para as correntes neoliberais, que parcialmente se radicalizaram para a extrema direita. A mensagem como um tenta estabelecer uma relação de revanchismo por parte do governo

Lula, devido ao fato de nas eleições presidenciais a maioria do Rio Grande do Sul ter votado no candidato Jair Messias Bolsonaro. O questionamento serve apenas para reforçar este posicionamento. Ao ajudar um grupo estrangeiro e não ajudar seus próprios compatriotas, Lula estaria traindo a nação e se vingando do povo gaúcho.

Finalmente as três últimas frases completam a propaganda: “Que vergonha! Que raiva! Que desgraça...”. Um possível interpretativo seria: Um governo que traz vergonha ao país e que deve ser odiado por agir de forma desgraçada. Traz vergonha ao país por não ajudar seu próprio povo, preferindo ajudar outros que podem ser considerados inimigos e terroristas. O ódio segue o mesmo motivo da vergonha que se complementa pelo sentimento de traição. Pode-se considerar neste momento a propaganda como um discurso de ódio, pois há o convite ao consumidor para nutrir este sentimento pelo governo federal, seus membros e qualquer pessoa associada ao espectro político da esquerda, já que todos estão no mesmo frame. A “desgraça” resgata consigo o interdiscurso criado nos primeiros mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (2002 e 2006) e de Dilma Rouseff (2010 e 2014), inclusive pelo modo como a mídia tradicional tratou os casos do “Mensalão” e do “Petrolão”. O enquadramento dessas coberturas acabou por consolidar o frame de que os governos do Partido dos Trabalhadores (PT) foram as causas de todas as mazelas do país. No caso do “Petrolão”, associado à operação “Lava Jato”, o exemplo mais claro era o fundo utilizado no Jornal Nacional da Rede Globo⁵ com a cor predominantemente vermelha e dutos de esgoto vertendo dinheiro quando se mencionava o assunto ou a condenação de integrantes do PT, inclusive do próprio presidente Luiz Inácio da Lula Silva. Nesta construção, a degradação dos valores da família, a corrupção e as crises morais, sociais e econômicas seriam fruto dessa política promovida pelo governo do PT, um agente de infortúnio. A ideia de desgraça traz o ressentimento de parte da direita e da extrema direita. Portanto, esta propaganda da extrema direita contempla vários níveis de influência sobre o consumidor alvo. Trouxemos como foco a ameaça ao alicerce moral da Lealdade/traição, que serve como gatilho para o sentimento de ódio ao governo federal ou a qualquer pessoa e instituição associada à esquerda política. A desinformação torna-se mais facilmente aceita por causa do viés de confirmação baseado no frame de uma esquerda corrupta e que sempre age contra os interesses do país.

⁵ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/midia/2019/11/27/jn-da-globo-resgata-duto-de-dinheiro-em-materia-sobre-nova-condenao-de-lula-no-trf-4-65053.html>. Acesso em 30 de maio de 2024.

De modo sintetizado, a mensagem apresenta o governo federal como traidor da pátria por ajudar um povo estrangeiro, considerado inimigo e terrorista, ao invés de dar apoio a seu próprio povo. Este ato de traição vergonhoso deve ser repudiado e odiado, pois seus agentes são aqueles que trazem desgraça ao país. Em nosso entendimento, esta mensagem possui o potencial de manipular os valores morais do público cooptado pela extrema direita. Em contrapartida, se a informação fosse verdadeira, isto é, se a ajuda aos palestinos tivesse sido registrada em meio às catástrofes no Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que os gaúchos fossem assistidos pelo governo federal, possivelmente a rejeição da medida teria pouco impacto nos espectros da esquerda. O alicerce do Cuidado universalista da esquerda tornaria a medida mais aceitável, enquanto para a moral conservadora isto seria praticamente impossível.

Considerações finais

Conforme a experiência da análise realizada, é possível tomar a teoria de Jonathan Haidt (2020) sobre os alicerces morais como relevante para compreender como a desinformação age na mente humana. Observa-se a manipulação e a alteração da percepção de mundo provocadas pela propaganda da extrema direita de forma a instigar uma ação ou reação de acordo com um determinado entendimento, ainda que destituído de lastro na realidade.

Cientistas que abordam o funcionamento do cérebro com questões políticas, como Jonathan Haidt (2020) e George Lakoff (2014), apontam que a direita conservadora há muito tempo vem utilizando estes mecanismos de funcionamento da mente humana em suas estratégias de comunicação e em campanhas eleitorais. A diferença na atualidade está na falta de regulamentação das redes sociais, permitindo o uso destas estratégias de forma dolosa e irresponsável por parte dos extremistas, que acabam não sofrendo as punições e sanções necessárias.

Com base no estado da arte produzido em diferentes momentos de nossa pesquisa, observamos que não existem muitas pesquisas na área da Comunicação sobre a propaganda da extrema direita e sobre a desinformação pela perspectiva das Ciências Cognitivas no Brasil. Acreditamos que esta é uma abordagem importante e urgente, neste momento histórico em que há uma fértil produção de desinformação. Isso porque esse tipo de estudo ajuda a compreender a propaganda ideológica que impacta diretamente as

relações sociais, políticas e econômicas. As Ciências Cognitivas contribuem para entendermos o funcionamento da mente humana, como se estabelecem os pensamentos, os valores, as crenças, as formulações de conclusões, assim como suas falhas. Todos estes aspectos podem contribuir de forma direta nos estudos de recepção, talvez o maior gargalo nos estudos de Comunicação.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. **Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2010.

CARVALHO, Roldão Pires. História, comunicação e ideologia: **a propaganda do ticket conservador-liberal**. 2019, 148f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2019.

CARVALHO, Roldão; ROVIDA, Mara. Contribuições das teorias de George Lakoff e da Linguística Cognitiva para o entendimento das Propagandas de Desinformação . In: Anais do 32º encontro anual da Compós, 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/contribuicoes-das-teorias-de-george-lakoff-e-da-linguistica-cognitiva-para-o-ent?lang=pt-br>> Acesso em: 27 out. 2023.

É FAKE# que governo federal priorizou Gaza no envio de ajuda durante enchentes no Rio Grande do Sul. **G1**, 24 de maio de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2024/05/19/e-fake-que-governo-federal-priorizou-gaza-no-envio-de-ajuda-durante-enchentes-no-rio-grande-do-sul.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2024.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

GERMAN, Michel; KLEIN, Misha. Aquela Noite: o lugar da Israel imaginária na nov direita brasileira. **Revista Antropológicas**, n. 32, p. 111-140, 2021.

Haidt, Jonathan. **A mente moralista: por que pessoas boas são segregadas por política e religião**. Rio de Janeiro: Alta Cult, 2020. E-Book.

HASHER, Lynn; GOLDSTEIN, David; TOPPINO, Thomas. Frequency and the conference of referential validity. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, n. 16, p. 107-1012, 1977.

LAKOFF, George. **Don't think an elephant: know your values and frame the debate**. Vermont: Chelsea Green Publishing, 2014.

SOUZA, Felipe Freitas de. A Construção do inimigo muçulmano: aproximações possíveis entre islamofobia e fascismo. In: SUZUKI, Julio César; VILLAMIL, Nayive Castellanos; ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. **Religião Política e Sociedade**. São Paulo: FFLCH/USP, PROLAM/USP, 2021.